

OS LIMITES DOS MARXISMOS: INTERPRETAÇÕES E DISPUTAS EM TORNO DO LEGADO DE KARL MARX



THE LIMITS OF MARXISMS: INTERPRETATIONS AND DISPUTES SURROUNDING THE LEGACY OF KARL MARX

FLÁVIO RICARDO PEREIRA BATISTA

Bacharel e licenciado em História pelo Centro Universitário Fundação de Ensino para Osasco (UNIFIEO); licenciado em Pedagogia; Especialista em Docência do Ensino Superior; Professor da rede municipal de educação de São Paulo; Professor da rede municipal de educação de Barueri.

RESUMO

O presente artigo analisa diferentes interpretações construídas em torno do legado intelectual de Karl Marx e os processos históricos que contribuíram para a constituição de distintas tradições marxistas. Parte-se da compreensão de que a obra marxiana constitui uma interpretação histórica e crítica da sociedade capitalista cuja finalidade ultrapassa a explicação da realidade, relacionando-se também à perspectiva de sua transformação. A partir desse pressuposto, discutem-se o contexto de formação do pensamento de Marx, a constituição dos marxismos, as controvérsias presentes na Segunda Internacional, as contribuições de Lenin e Rosa Luxemburgo para a análise das transformações do capitalismo, bem como o processo de institucionalização e dogmatização de determinadas interpretações marxistas no decorrer do século XX. Por fim, são consideradas algumas das tentativas de renovação da tradição marxista, especialmente aquelas que procuraram recuperar a historicidade, a crítica e a dimensão dialética presentes na obra de Marx. Sustenta-se que um dos principais limites dos marxismos se manifesta quando uma teoria essencialmente histórica e crítica é convertida em doutrina fechada, afastando-se da análise concreta das transformações da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Karl Marx; Marxismos; Historiografia; Materialismo Histórico; Teoria Social.

ABSTRACT

This article analyzes the various interpretations surrounding Karl Marx's intellectual legacy and the historical processes that contributed to the formation of distinct Marxist traditions. It proceeds from the understanding that Marx's work constitutes a historical and critical interpretation of capitalist society, the

purpose of which extends beyond merely explaining reality to encompass the prospect of its transformation. Based on this premise, the article discusses the context in which Marx's thought took shape, the emergence of various forms of Marxism, the controversies within the Second International, the contributions of Lenin and Rosa Luxemburg to the analysis of capitalist transformations, and the process by which certain Marxist interpretations became institutionalized and dogmatized throughout the 20th century. Finally, it considers attempts to revitalize the Marxist tradition, particularly those seeking to reclaim the historicity, critical nature, and dialectical dimension inherent in Marx's work. It argues that a major limitation of Marxist traditions arises when a theory that is essentially historical and critical is transformed into a closed doctrine, thereby distancing itself from the concrete analysis of transformations within capitalist society.

Keywords: Karl Marx; Marxisms; Historiography; Historical Materialism; Social Theory.

INTRODUÇÃO

Poucos pensadores exerceram influência tão profunda sobre as ciências humanas e sobre os movimentos políticos contemporâneos quanto Karl Marx. Desde o século XIX, suas ideias fundamentaram interpretações sobre o desenvolvimento da sociedade capitalista, inspiraram movimentos sociais e políticos e produziram debates que ultrapassaram amplamente o contexto histórico no qual sua obra foi elaborada.

A extensão dessa influência, entretanto, produziu um fenômeno particularmente importante: Marx foi interpretado de maneiras distintas por autores, organizações políticas e tradições intelectuais que reivindicaram sua herança. Em consequência, o termo marxismo passou a abrigar perspectivas teóricas e políticas nem sempre coincidentes e, em determinados casos, profundamente divergentes.

Essa pluralidade torna problemática a compreensão do marxismo como um corpo teórico homogêneo. Conforme observa Netto (2006), o desenvolvimento histórico do pensamento inspirado em Marx produziu diferentes marxismos, construídos em contextos políticos e intelectuais específicos. Desse modo, torna-se necessário distinguir a produção intelectual de Marx — aqui denominada marxiana — das diferentes tradições marxistas constituídas posteriormente.

O objetivo deste artigo é discutir alguns dos limites presentes nessas interpretações, procurando compreender como uma teoria fundada na crítica histórica e na análise das contradições sociais pôde, em determinadas circunstâncias, ser convertida em um sistema doutrinário fechado. Para tanto, serão considerados alguns momentos fundamentais desse processo: o contexto de formação da obra marxiana, a constituição das diferentes tradições marxistas, as controvérsias da Segunda Internacional, as contribuições de Lenin e Rosa Luxemburgo, a institucionalização de uma ortodoxia associada à experiência soviética e, finalmente, algumas das tentativas de renovação do pensamento marxista ao longo do século XX.

Não se pretende realizar um levantamento exaustivo da extensa bibliografia produzida sobre o tema. O propósito é refletir sobre determinados momentos da trajetória dos marxismos que permitem compreender as tensões existentes entre a dimensão crítica da obra marxiana e as diferentes formas históricas de sua apropriação.

O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA MARXIANA

A compreensão da obra de Karl Marx exige sua inserção no contexto histórico em que foi produzida. Seu pensamento desenvolveu-se na Europa do século XIX, período marcado pela consolidação da sociedade burguesa, pelo avanço da industrialização, pela formação de grandes

contingentes de trabalhadores urbanos e pelo aprofundamento das contradições sociais decorrentes da expansão capitalista.

As transformações produzidas pela industrialização modificaram profundamente as relações econômicas e sociais europeias. A expansão das relações capitalistas alterou antigas formas de organização do trabalho, intensificou processos de urbanização e contribuiu para a formação do proletariado moderno. Paralelamente, a burguesia consolidava sua influência econômica e política, especialmente após as transformações iniciadas pelas revoluções ocorridas entre os séculos XVIII e XIX.

Marx e Engels identificaram no desenvolvimento histórico da sociedade burguesa um processo profundamente contraditório. Ao mesmo tempo em que o capitalismo produzia extraordinária expansão das forças produtivas, também ampliava conflitos decorrentes da apropriação privada da riqueza socialmente produzida. Essa dimensão contraditória ocupa lugar importante em sua interpretação da sociedade moderna (MARX; ENGELS, 1998).

A elaboração da teoria marxiana deve ser compreendida também no interior das transformações intelectuais daquele período. Marx dialogou criticamente com importantes tradições do pensamento europeu, entre as quais se destacam a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e as diferentes vertentes do socialismo europeu.

Da filosofia alemã, particularmente da tradição hegeliana, Marx apropriou-se criticamente da dialética, reformulando-a a partir de pressupostos materialistas. Da economia política clássica, sobretudo de autores como Adam Smith e David Ricardo, incorporou problemas relacionados ao trabalho, ao valor e à produção da riqueza, submetendo-os, entretanto, a uma crítica radical. Do pensamento socialista de seu tempo, assimilou a preocupação com a desigualdade e a emancipação social, ao mesmo tempo em que buscou superar interpretações que considerava insuficientes para compreender a dinâmica concreta do capitalismo.

Dessa maneira, a teoria marxiana não surgiu isoladamente, tampouco representou uma negação absoluta da tradição intelectual anterior. Constituiu-se mediante apropriação crítica de problemas e categorias já existentes, reorganizados no interior de uma nova interpretação da sociedade capitalista.

Uma característica fundamental desse pensamento encontra-se na historicidade atribuída às relações sociais. O capitalismo não é concebido como forma natural ou definitiva de organização da sociedade, mas como resultado de determinado processo histórico. Consequentemente, suas instituições, relações de propriedade e formas de organização do trabalho também são historicamente determinadas.

Essa perspectiva possui importantes implicações metodológicas. Se as relações sociais são históricas, as categorias utilizadas para compreendê-las não podem ser transformadas em fórmulas imutáveis. A análise deve acompanhar as transformações do próprio objeto investigado.

É nesse sentido que a obra marxiana pode ser compreendida simultaneamente como teoria crítica da sociedade burguesa e como reflexão sobre as possibilidades de sua transformação. A relação entre interpretação e intervenção constitui elemento fundamental desse pensamento e aparece de maneira particularmente expressiva no *Manifesto do Partido Comunista*, no qual Marx e Engels relacionam a

análise do desenvolvimento capitalista às lutas sociais produzidas por suas próprias contradições (MARX; ENGELS, 1998).

A produção intelectual de Marx, portanto, não deve ser compreendida como um sistema destinado a fornecer respostas definitivas para todos os fenômenos sociais. Sua investigação concentrou-se principalmente na dinâmica histórica do capitalismo e nas relações sociais que estruturavam a sociedade burguesa. Transformar essa investigação em modelo universal e acabado significa correr o risco de negar precisamente um de seus elementos fundamentais: o caráter histórico e contraditório da realidade social.

OS MARXISMOS E SUAS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

A ampla circulação das ideias de Marx após a segunda metade do século XIX produziu interpretações variadas de sua obra. A expansão do movimento operário europeu, o fortalecimento das organizações socialistas e a necessidade de formação política de grandes contingentes de trabalhadores contribuíram decisivamente para a popularização de conceitos originados na produção marxiana.

Essa difusão, entretanto, não ocorreu de maneira uniforme. A obra de Marx possui grande complexidade teórica, e sua apropriação por organizações políticas frequentemente exigiu a produção de sínteses, manuais e textos de divulgação. Esse processo desempenhou importante função na expansão do socialismo, mas também criou condições para simplificações que, em alguns casos, transformaram categorias históricas em princípios universais.

É nesse sentido que se torna pertinente falar em marxismos. Netto (2006) chama atenção para a diversidade das correntes que reivindicaram o legado intelectual de Marx, demonstrando a impossibilidade de compreender essa tradição como um bloco homogêneo. As diferenças existentes entre essas vertentes dizem respeito tanto à interpretação da obra marxiana quanto às estratégias políticas desenvolvidas em circunstâncias históricas específicas.

A própria transformação do pensamento de Marx em uma doutrina denominada “marxismo” envolve, portanto, um problema histórico. A expressão passou progressivamente a designar um conjunto de ideias muito mais amplo do que aquelas originalmente formuladas pelo autor. Ao longo do tempo, novas questões foram incorporadas ao debate, inclusive fenômenos que Marx não poderia ter analisado em razão de terem se desenvolvido plenamente somente após sua morte.

Isso não significa que o desenvolvimento posterior do marxismo constitua necessariamente uma deformação do pensamento marxiano. Uma tradição intelectual permanece viva precisamente porque é capaz de formular novas perguntas diante de novas realidades. O problema surge quando essa atualização é substituída pela aplicação mecânica de conceitos, como se as categorias formuladas no século XIX fossem suficientes para explicar automaticamente qualquer situação histórica.

A crítica realizada por Thompson (1981) a determinadas formas de estruturalismo marxista exemplifica a persistência desse debate no interior da própria tradição. Ao enfatizar a experiência histórica e a ação dos sujeitos, Thompson questionou interpretações excessivamente abstratas que, em sua avaliação, poderiam afastar a teoria da investigação concreta dos processos históricos.

Nesse sentido, os limites dos marxismos não devem ser procurados simplesmente na diversidade de interpretações. A pluralidade pode representar justamente a vitalidade de uma tradição intelectual. O problema reside na pretensão de determinadas interpretações de se apresentarem como únicas, definitivas e universalmente válidas.

A SEGUNDA INTERNACIONAL E A CONSOLIDAÇÃO DE UMA ORTODOXIA

A fundação da Segunda Internacional, em 1889, representou um momento decisivo para a história do movimento socialista. Reunindo organizações operárias e partidos socialistas de diferentes países, a Internacional contribuiu para ampliar a circulação das ideias marxistas e para consolidar formas de organização política vinculadas à classe trabalhadora.

O crescimento dessas organizações, entretanto, produziu novos desafios. A necessidade de formação de militantes e de construção de programas políticos capazes de mobilizar grandes parcelas da população estimulou esforços de sistematização da teoria marxista.

Autores como Karl Kautsky exerceram papel relevante nesse processo. A tentativa de organizar e divulgar a teoria contribuiu enormemente para sua expansão, mas também favoreceu interpretações que atribuíam ao desenvolvimento histórico uma direção relativamente previsível.

Em determinadas leituras difundidas naquele contexto, o capitalismo aparecia como etapa de um processo histórico que conduziria necessariamente ao socialismo. A confiança na existência de leis objetivas do desenvolvimento social aproximava algumas dessas formulações de concepções evolucionistas bastante influentes no pensamento europeu do final do século XIX.

O debate tornou-se particularmente intenso com as formulações de Eduard Bernstein. Observando transformações nas sociedades capitalistas europeias, Bernstein questionou previsões revolucionárias associadas à tradição socialista e passou a defender a possibilidade de transformações graduais por meio das instituições políticas existentes.

A controvérsia revisionista colocou no centro do debate uma questão que acompanharia os marxismos durante todo o século XX: a relação entre reforma e revolução. Mais profundamente, tratava-se de discutir a própria relação entre teoria e prática política.

As tensões existentes no interior da Segunda Internacional tornaram-se ainda mais evidentes durante a Primeira Guerra Mundial. A decisão de importantes partidos social-democratas de apoiar seus respectivos governos nacionais no conflito provocou uma profunda ruptura no movimento socialista internacional.

A partir desse momento, consolidou-se progressivamente uma divisão entre setores social-democratas, cada vez mais integrados à política parlamentar, e organizações revolucionárias que posteriormente assumiriam a denominação de comunistas. A criação da Internacional Comunista, em 1919, institucionalizou politicamente parte dessa ruptura.

A trajetória posterior do marxismo demonstraria que as divergências surgidas nesse período não eram apenas estratégicas. Elas expressavam diferentes compreensões sobre o capitalismo, o Estado, a

revolução e o papel das organizações políticas, contribuindo para a formação das múltiplas tradições marxistas do século XX.

LENIN, ROSA LUXEMBURGO E AS TRANSFORMAÇÕES DO CAPITALISMO

As profundas mudanças experimentadas pelo capitalismo entre o final do século XIX e o início do século XX exigiram novas interpretações. A expansão das grandes empresas, a crescente concentração econômica, o desenvolvimento do capital financeiro e as disputas imperialistas entre as grandes potências transformaram significativamente a realidade analisada originalmente por Marx.

Nesse contexto, autores como Vladimir Ilitch Lenin e Rosa Luxemburgo procuraram compreender essas transformações utilizando categorias derivadas da crítica marxiana, mas sem limitar-se à repetição das conclusões produzidas no século anterior.

Em *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*, Lenin analisou a concentração da produção, a formação de monopólios, o papel crescente dos bancos e do capital financeiro e a expansão internacional dos capitais como características fundamentais de uma nova etapa do desenvolvimento capitalista (LENIN, 2012).

Sua análise procurava compreender também as relações entre essas transformações econômicas e as disputas políticas que caracterizavam o sistema internacional no início do século XX. O imperialismo, portanto, não aparecia simplesmente como política externa adotada por determinados Estados, mas como fenômeno relacionado às transformações estruturais do próprio capitalismo.

Rosa Luxemburgo, por sua vez, dedicou especial atenção ao problema da reprodução ampliada do capital. Em *A acumulação do capital*, buscou compreender as condições necessárias à continuidade da expansão capitalista e atribuiu particular importância às relações estabelecidas entre as economias capitalistas e espaços sociais ainda não plenamente incorporados à lógica de reprodução do capital (LUXEMBURGO, 2021).

Embora Lenin e Luxemburgo apresentassem divergências importantes em diversas questões políticas e teóricas, suas obras demonstram algo fundamental para a discussão desenvolvida neste artigo: a possibilidade de utilizar a tradição marxiana para analisar fenômenos históricos que Marx não conheceu em sua forma plenamente desenvolvida.

Nesse sentido, ambos exemplificam uma forma de continuidade intelectual que não se baseia simplesmente na repetição. A teoria permanece relacionada à investigação da realidade concreta e precisa, portanto, ser permanentemente confrontada com as transformações históricas.

Essa característica permite compreender a diferença entre utilizar Marx como instrumento crítico de investigação e transformar sua produção em doutrina. No primeiro caso, conceitos e categorias são submetidos ao movimento da história; no segundo, procura-se enquadrar a realidade em um conjunto previamente estabelecido de respostas.

STALINISMO, DOGMATIZAÇÃO E MARXISMO OFICIAL

A Revolução Russa de 1917 modificou profundamente a história do socialismo internacional. Pela primeira vez, uma organização política inspirada pela tradição marxista assumiu o poder e procurou construir uma nova forma de organização econômica e social.

A experiência soviética exerceu enorme influência sobre o movimento operário internacional e contribuiu decisivamente para a expansão dos partidos comunistas. Ao mesmo tempo, os caminhos percorridos pelo Estado soviético produziram consequências profundas para a maneira como o marxismo passou a ser interpretado e difundido.

Especialmente durante o período de Josef Stalin, consolidou-se progressivamente uma interpretação oficial da tradição marxista. O chamado marxismo-leninismo passou a constituir uma doutrina legitimada pelo Estado soviético, utilizada como referência política e ideológica para diferentes organizações vinculadas ao movimento comunista internacional.

Esse processo contribuiu para uma crescente sistematização doutrinária do pensamento marxista. Conceitos complexos foram frequentemente organizados em esquemas interpretativos apresentados como leis gerais da natureza, da sociedade e da história.

A institucionalização de uma interpretação oficial produziu importantes consequências intelectuais. O debate teórico passou, em determinados contextos, a ser subordinado às exigências políticas do Estado e das organizações partidárias. Divergências interpretativas podiam ser compreendidas não apenas como desacordos teóricos, mas como desvios em relação à ortodoxia estabelecida.

Do ponto de vista da problemática deste artigo, essa experiência evidencia um dos limites mais significativos dos marxismos: a transformação de uma teoria essencialmente crítica em instrumento de legitimação institucional.

Isso não significa reduzir toda a experiência soviética ao stalinismo, nem ignorar sua complexidade histórica. Tampouco significa estabelecer uma identidade automática entre marxismo e experiência soviética. Ao contrário, é justamente a distinção entre esses fenômenos que permite uma análise historiograficamente mais rigorosa.

A trajetória do pensamento marxista no século XX demonstra que diversas correntes se desenvolveram fora ou em oposição à ortodoxia soviética. Anderson (2004), ao examinar aquilo que denominou marxismo ocidental, identifica profundas transformações intelectuais ocorridas no interior dessa tradição, particularmente em contextos nos quais a reflexão teórica passou a se distanciar das estruturas políticas diretamente vinculadas aos partidos comunistas.

A identificação entre Marx, marxismo e Estado soviético contribuiu, entretanto, para que parte significativa das críticas dirigidas às experiências políticas do chamado socialismo real fosse também projetada sobre a própria obra marxiana. Essa associação tornou ainda mais importante a distinção entre o pensamento de Marx e suas múltiplas apropriações históricas.

A RENOVAÇÃO DA TRADIÇÃO MARXISTA

As crises políticas e intelectuais enfrentadas pelo movimento comunista internacional ao longo do século XX estimularam diferentes esforços de revisão e renovação do pensamento marxista. Em vez de representar simplesmente o abandono de Marx, muitas dessas iniciativas procuraram recuperar dimensões de sua obra consideradas obscurecidas pelas interpretações mais dogmáticas.

Autores provenientes de diferentes tradições contribuíram para esse movimento. Entre eles podem ser mencionados E. P. Thompson, Perry Anderson, Eric Hobsbawm e José Paulo Netto, ainda que suas perspectivas não possam ser reduzidas a uma posição comum.

Uma característica importante dessas releituras encontra-se na valorização da historicidade. Em lugar da aplicação de esquemas previamente estabelecidos, enfatiza-se a necessidade de investigação das condições concretas nas quais os processos sociais se desenvolvem.

Thompson (1981), por exemplo, formulou uma crítica contundente às interpretações que, em sua avaliação, subordinavam excessivamente a história a estruturas teóricas abstratas. Sua defesa da experiência histórica dos sujeitos recolocou no centro do debate questões relacionadas à agência humana, à cultura e às formas pelas quais as classes se constituem historicamente.

Anderson (2004), por outro lado, procurou analisar historicamente as transformações do próprio pensamento marxista, identificando mudanças temáticas e metodológicas ocorridas principalmente no contexto europeu do século XX. Sua análise demonstra que o marxismo não permaneceu estático, mas modificou-se de acordo com diferentes conjunturas políticas e intelectuais.

Hobsbawm (2011), ao refletir sobre a trajetória histórica de Marx e do marxismo, evidencia a extraordinária capacidade de permanência e renovação dessa tradição intelectual. Mesmo após as profundas transformações políticas ocorridas no final do século XX, as questões relacionadas à desigualdade, às crises econômicas, à concentração da riqueza e à expansão mundial do capitalismo continuaram a conferir relevância ao debate iniciado por Marx.

No Brasil, José Paulo Netto contribuiu significativamente para a interpretação e divulgação do pensamento marxiano. Ao destacar a existência de diferentes marxismos, Netto (2006) chama atenção justamente para a impossibilidade de identificar automaticamente a obra de Marx com qualquer uma das tradições políticas que posteriormente reivindicaram sua herança.

Essas diferentes contribuições permitem compreender a tradição marxista como campo permanente de disputas. A existência dessas divergências não constitui necessariamente sinal de fragilidade. Ao contrário, pode ser compreendida como consequência da própria historicidade do objeto que essas interpretações procuram analisar.

Uma teoria voltada para a compreensão da sociedade capitalista precisa necessariamente confrontar-se com as transformações dessa sociedade. O capitalismo contemporâneo apresenta características que não estavam plenamente desenvolvidas no século XIX: expansão global das cadeias produtivas, financeirização, transformações tecnológicas, novas configurações do trabalho e alterações profundas nas relações entre Estado, mercado e sociedade.

Nenhuma dessas transformações torna automaticamente obsoleta a obra de Marx, assim como nenhuma delas pode ser compreendida simplesmente mediante a repetição literal de suas formulações. A atualidade de uma tradição crítica depende justamente da capacidade de produzir novas perguntas.

Desse ponto de vista, a fidelidade ao legado marxiano não deve ser medida pela repetição de suas conclusões, mas pela preservação de seu impulso investigativo: compreender historicamente as

relações sociais, revelar suas contradições e recusar sua apresentação como fenômenos naturais ou eternos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo procurou demonstrar que a expressão **marxismos** traduz de maneira mais adequada a diversidade de interpretações construídas a partir da obra de Karl Marx. Desde o final do século XIX, diferentes movimentos políticos, organizações e tradições intelectuais reivindicaram sua herança, produzindo leituras nem sempre coincidentes acerca de seus fundamentos teóricos e de suas implicações políticas.

A distinção entre obra marxiana e marxismos constitui, portanto, elemento essencial para compreender essa trajetória. Marx desenvolveu uma crítica histórica da sociedade capitalista, procurando apreender suas estruturas, contradições e possibilidades de transformação. Posteriormente, diferentes autores procuraram ampliar, sistematizar ou reinterpretar esse pensamento diante de novos contextos históricos.

A Segunda Internacional desempenhou papel fundamental na expansão das ideias marxistas, mas também constituiu espaço no qual se desenvolveram interpretações evolucionistas, reformistas e revolucionárias distintas. As controvérsias desse período demonstraram que o legado de Marx já estava longe de constituir um campo homogêneo.

As contribuições de Lenin e Rosa Luxemburgo evidenciaram, por sua vez, a possibilidade de atualizar a análise marxista diante das transformações do capitalismo. Suas reflexões sobre imperialismo e acumulação demonstram que uma tradição intelectual permanece fecunda quando seus conceitos são confrontados com novos problemas históricos.

Em outro sentido, a institucionalização de uma interpretação oficial durante a experiência soviética evidenciou os riscos decorrentes da transformação de uma teoria crítica em doutrina. Quando categorias históricas passam a ser apresentadas como verdades universais e a investigação é subordinada à defesa de uma ortodoxia, perde-se parte significativa da dimensão crítica que caracteriza a obra marxiana.

As diferentes tentativas de renovação desenvolvidas ao longo do século XX demonstram, entretanto, que essa tradição jamais permaneceu restrita a uma única interpretação. Autores como Thompson, Anderson, Hobsbawm e Netto, entre muitos outros, contribuíram para reafirmar a diversidade existente no interior dos marxismos e para recolocar a investigação histórica no centro do debate (THOMPSON, 1981; ANDERSON, 2004; HOBSBAWM, 2011; NETTO, 2006).

Dessa forma, os limites dos marxismos não decorrem necessariamente da existência de múltiplas interpretações da obra de Marx. A pluralidade constitui consequência natural da permanência histórica de uma tradição intelectual submetida a diferentes conjunturas e problemas. O limite surge quando determinada interpretação abandona o movimento crítico e passa a apresentar-se como explicação definitiva da realidade.

A principal contribuição da obra marxiana talvez resida justamente na recusa em compreender a sociedade existente como natural e imutável. As relações sociais possuem história e, precisamente por essa razão, podem transformar-se.

Reconhecer essa dimensão significa compreender Marx não como autor de um sistema encerrado no século XIX, mas como parte de uma tradição crítica cuja permanência depende da capacidade de investigar realidades novas. Sob essa perspectiva, preservar a vitalidade de seu pensamento exige menos a repetição de fórmulas e mais aquilo que esteve na origem de sua própria produção intelectual: a crítica permanente, a investigação histórica e o confronto da teoria com as contradições concretas da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental: nas trilhas do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Tradução de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.